**GÊNERO AULA EXPOSITIVA DE LÍNGUA INGLESA**

**Marcos Antonio da Silva**

Professor da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN)

E-mail: [marcos.nauta@hotmail.com](mailto:marcos.nauta@hotmail.com)

**RESUMO**

Esse texto é um pequeno recorte do nosso trabalho de dissertação. Nele, tratamos de gênero (do discurso/textual, ou como preferimos chamar, da linguagem), mais especificamente do gênero aula expositiva de língua inglesa. Nossa pesquisa de mestrado foi realizada no curso de Letras do *Campus* Avançado Profa. “Maria Elisa de Albuquerque Maia”, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Como trata-se de um pequeno recorte, muitos aspectos não puderam ser inseridos nesse trabalho. Nosso objetivo principal foi sistematizar um estudo sobre o gênero em questão no espaço social supracitada que pudesse servir como instrumento de reflexão para os profissionais da área e fonte bibliográfica para outros pesquisadores, já que não encontramos referências que tratem especificamente desse gênero. Para confirmar nossa hipótese de que aula é um gênero, recorremos aos pressupostos de alguns teóricos da área, sendo Bakhtin (1997) e Marcuschi (2005, 2008) os principais deles. Na pesquisa original, tivemos colaboradores (professores de língua inglesa da instituição *locus* da pesquisa) que nos forneceram seus posicionamentos sobre nossa hipótese de que aula trata-se, de fato, de um gênero; mas neste trabalho usamos somente os requisitos indicados por Marcuschi (2008) para classificar uma prática linguística como sendo um gênero.

**Palavras-chave:** Língua Inglesa. Gênero da linguagem. Aula Expositiva.

**1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS**

Os gêneros têm sido estudados há bastante tempo, mas mesmo assim ainda há muito a ser investigado nessa temática. Isso porque o número de gêneros é tão grande quanto o número de espaços sociais, e cada seguimento social tem os seus gêneros específicos para a atuação dos indivíduos. Como os gêneros não são criações estanques, ou seja, mudam de acordo com a(s) necessidade(s) das esferas em que circulam, precisamos estudá-los com frequência para compreender sua configuração com o passar do tempo, e, assim, poder transmiti-los às gerações futuras.

Nosso objeto de pesquisa foi o gênero aula expositiva. Objetivamos sistematizar um estudo comprovando que trata-se, de fato, de um gênero. Justificamos nosso interesse por essa temática por entendermos que o gênero aula expositiva de hoje não é o mesmo de outrora. Outro motivo que nos levou a estudar essa temática foi o fato de não termos encontrado um estudo sistematizado sobre esse gênero. Em nossas leituras, encontramos apenas a referência de que aula é realmente um gênero, segundo Marchschi (2008). No entanto, o estudioso não se alonga no tratamento do mesmo.

Como cada área do conhecimento tem suas especificidades, direcionamos nosso foco para o gênero aula expositiva de língua inglesa, mais especificamente do Curso de Letras do *Campus* Avançado Profa. “Maria Elisa de Albuquerque Maia”, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, *locus* da nossa pesquisa.

Para alcançar nosso objetivo principal, tivemos que percorrer os seguintes objetivos específicos: estruturar um estudo sobre a teoria de gênero, e direcionar esse estudo para o gênero aula expositiva, especificamente de Língua Inglesa. Para isso, buscando respaldo principalmente em Bakhtin (1997) e Marcuschi (2005, 2008), nossas principais fontes de inspiração para alcançarmos o objetivo principal.

Além desses passos, também constituímos um *corpus* para análise composto de programas de disciplinas de língua inglesa e questionários aplicados a professores colaboradores das disciplinas de língua inglesa do curso e instituição supracitados.

O presente trabalho está organizado em quatro tópicos, sendo eles: *Considerações iniciais*; *Os gêneros do discurso/textual: gêneros da linguagem verbal*; *Tema, composição e estilo*; *O que faz com que aula seja um gênero?*

No primeiro tópico, as *Considerações iniciais*, apresentamos o problema de pesquisa, objetivos, e procedimentos metodológicos adotados. No segundo tópico, abordamos a importância da linguagem verbal, a língua como instrumento de comunicação, e a riqueza e a variedade dos gêneros, e também os gêneros primários e secundários e seus respectivos contextos de uso. No terceiro tópico, tratamos do tema, composição e estilo dos gêneros. No último tópico, provamos, de acordo com os critérios estabelecidos por Marcuschi (2008), porque aula expositiva é um gênero. Concluímos com nossas considerações finais fazendo um apanhado das discussões que nos levaram ao resultado final do nosso trabalho.

Por fim, gostaríamos de ressaltar que esse texto é uma pequena amostra do nosso trabalho de dissertação, sendo assim, muitos aspectos da nossa pesquisa não puderam constar nesse nele.

**2 OS GÊNEROS DO DISCURSO/TEXTUAL: GÊNEROS DA LINGUAGEM VERBAL**

Bakhtin (1997, p. 279) nos diz que “todas as esferas da atividade humana, por mais variadas que sejam, estão sempre relacionadas com a utilização da língua”. Isso está claro no nosso dia-a-dia. Ao iniciarmos o dia, a primeira coisa que fazemos é mergulhar no mundo da linguagem verbal; sem esse mergulho, não conseguiríamos imergir na sociedade em que vivemos. A linguagem verbal é o que possibilita que criemos um elo com as pessoas a nossa volta e esse elo é o pilar que sustenta a sociedade. Somos seres sociais por causa da nossa capacidade de interagirmos uns com os outros.

Somos eternos aprendizes da comunicação porque o propósito de aprender uma língua é para poder interagirmos com outras pessoas; mas, para que sejamos bons sujeitos falantes e ouvintes, se faz necessário que nos adaptemos linguisticamente aos mais variados contextos sociais: o religioso, o científico, o político, o jurídico, e etc., e cada uma dessas esferas sociais requer um uso diferenciado da língua. Sendo assim, para que uma pessoa se insira nesses diversos contextos, se faz necessário que ela domine a forma particular de uso da língua exigida em cada um deles. A essas formas linguísticas particulares que possibilitam nossa atuação em sociedade, Bakhtin denominou de “gêneros do discurso”, e

a riqueza e a variedade dos gêneros do discurso são infinitas, pois a variedade virtual da atividade humana é inesgotável, e cada esfera dessa atividade comporta um repertório degêneros do discurso que vai diferenciando-se e ampliando-se à medida que a própria esferase desenvolve e fica mais complexa (BAKHTIN, 1997**,** p. 279).

Ou seja, há tantos gêneros quanto contextos sociais. Isso porque, à medida que as sociedades evoluem, surgem novos contextos de interação e, com isso, novas necessidades comunicativas, forçando os gêneros a transmutarem em novos gêneros para atender às necessidades daqueles novos contextos. Esse é o processo que faz da língua “[...] uma corrente evolutiva ininterrupta.” (BAKHTIN, 2006, p. 91). Esse processo nada mais é do que a linguagem verbal em ação organizando a(s) sociedade(s) por meio dos gêneros do discurso/textual.

A linguagem verbal nos possibilita a comunicação, o dialogismo, mas são os gêneros que nos permitem ser o que somos: seres socialmente organizados. “Fruto de trabalho coletivo, os gêneros contribuem para ordenar e estabilizar as atividades comunicativas do dia-a-dia. São entidades sóciodiscursivas e formas de ação social incontornáveis em qualquer situação comunicativa.” (MARCUSCHI, 2005, p. 19). Podemos dizer que os gêneros do discurso, como os chama Bakhtin (1997), ou gêneros textuais, nas palavras de Marcuschi (2005), e para nós, gêneros da linguagem, são os pilares da vida social, pois toda forma de comunicação só é possível graças a eles.

O processo de aquisição dos gêneros da linguagem acontece desde que somos crianças, começando pelos gêneros primários, depois passa para os gêneros secundários.

Bakhtin distingue os gêneros discursivos primários (da comunicação cotidiana) dos gêneros discursivos secundários (da comunicação produzida a partir de códigos culturais elaborados, como a escrita). Trata-se de uma distinção que dimensiona as esferas de uso da linguagem em processo dialógico-interativo (MACHADO, 2008, p. 155).

Esses gêneros primários e secundários exigem o domínio de uma língua. Esse é um requisito indispensável para a apreensão dos gêneros da linguagem. Por outro lado, só é possível dominar uma língua quando aprendemos a usar os gêneros que circulam no meio social em que ela é usada. A princípio, geralmente, o processo de apreensão dos gêneros ocorre no convívio familiar, pois é nele que temos os primeiros contatos com a nossa(s) língua(s). Nesse contexto, nosso primeiro contato é com gêneros primários, ou seja, gêneros utilizados para a interação cotidiana, e a modalidade oral é a via de apreensão dos mesmos. À medida que crescemos, somos impulsionados a outras esferas sociais, a outros convívios além do familiar, convívios mais sofisticados que exigem o domínio de gêneros mais complexos, e, para isso, somos apresentados aos gêneros secundários, aqueles utilizados na comunicação que exige códigos culturais mais sofisticados, como a escrita. “Os gêneros secundários – tais como romances, gêneros jornalísticos, ensaios filosóficos – são formações complexas porque são elaborações da comunicação cultural organizada em sistema específico como a ciência, a arte, a política.” (MACHADO, 2008, p. 155), e é somente por meio da aquisição desses gêneros que nos inserimos nesses sistemas sociais mais sofisticados. Eles surgem a partir da absorção e transmutação dos gêneros primários, como o diálogo cotidiano ou carta, adquirindo uma característica particular, ou melhor dizendo, uma nova identidade enquanto gênero secundário, mesmo conservando características de gênero primário.

**3 TEMA, COMPOSIÇÃO E ESTILO**

Comecemos então pelo tema. Esse refere-se a um determinado assunto a ser demonstrado ou tratado, e o meio pelo qual isso é feito é través da linguagem. Ela é o instrumento que nos possibilita abordar todo e qualquer tema, desde que tenhamos competência para isso. Essa competência engloba desde conhecimento teórico acerca do tema, até conhecimento linguístico para tratá-lo. Com relação ao conhecimento linguístico, seu aspecto primordial são os mais variados gêneros da linguagem, pois é neles que a linguagem toma forma, digamos assim, e a diversidade desses é proporcional às várias esferas de interação social. Cada setor da sociedade tem seu(s) gênero(s) e é somente por meio dele(s) que podemos participar do processo interativo em cada esfera social. O tema, seja ele qual for, é abordado assumindo as características de um gênero pertinente a uma determinada esfera social, ou seja, a temática é discutida nos moldes do gênero que está sendo usado para tratá-la, e o gênero, por sua vez, é moldado de acordo com as especificidades da esfera social em que ele pode e deve circular.

Um tema pode ser simplesmente oralizado, em função da etiqueta social, como é o caso das saudações. Mas também esse mesmo tema pode ser tratado de forma mais extensa, como em uma aula de língua inglesa, por exemplo. Sendo o tema oralizado posto em tratamento, ou seja, demonstrado ou discutido, essa demonstração ou discussão passa a se encaixar em um estilo. Mas afinal, o que é estilo? Brait (2008, p. 93), resgatando o conceito Bakhtiniano, diz que

O estilo é o homem, dizem; mas poderíamos dizer: o estilo é pelo menos duas pessoas ou, mais precisamente, uma pessoa mais seu grupo social na forma do seu representante autorizado, o ouvinte – o participante constante na fala interior e exterior de uma pessoa”.

Complementamos ainda com as palavras de Bakhtin (1997, p. 282-283), o estilo “está indissoluvelmente ligado ao enunciado e a formas típicas de enunciados, isto é, aos gêneros do discurso”. Isso ocorre porque cada gênero tem seu conteúdo temático e sua construção composicional própria. Cada gênero é específico para tratar determinado(s) assunto(s), por isso tem conteúdo temático, ou seja, tema a ser abordado, e esse tema deve ser tratado com início, meio e fim. Para isso, o gênero tem toda uma composição construída em função das especificidades da esfera social em que pode e deve circular.

O estilo é indissociavelmente vinculado a unidades temáticas determinadas e, o que é particularmente importante, a unidades composicionais: tipo de estruturação e de conclusão de um todo, tipo de relação entre o locutor e os outros parceiros da comunicação verbal (relação com o ouvinte, ou com o leitor, com o interlocutor, com o discurso do outro, etc.). O estilo entra como elemento na unidade de gênero de um enunciado (BAKHTIN, 1997, p. 284).

Como podemos perceber, o estilo depende das características linguísticas do gênero usado, depende, também, da relação entre os interlocutores e dos aspectos individuais de quem enuncia. Então, podemos dizer que os gêneros são formas padronizadas de interação social? Até certo ponto é correto afirmar isso. Dizemos até certo ponto porque Bakhtin (1997, p. 283) chama a nossa atenção ao dizer que “o enunciado, oral e escrito, primário e secundário, em qualquer esfera da comunicação verbal, é individual, e por isso pode refletir a individualidade de quem fala (ou escreve). Em outras palavras, possui um estilo individual”. Então, é possível que uma pessoa imprima sua marca, ou melhor, seu estilo, em um dado gênero do discurso? Possível é sim, como afirma o próprio Bakhtin (1997), mas essa possibilidade está condicionada (em maior ou menor grau) ao gênero em questão. Isso porque

[...] nem todos os gêneros são igualmente aptos para refletir a individualidade na língua do enunciado, ou seja, nem todos são propícios ao estilo individual. Os gêneros mais propícios são os literários – neles o estilo individual faz parte do empreendimento enunciativo enquanto tal e constitui uma das suas linhas diretrizes – ; [...] (BAKHTIN, 1997, p. 283)

Conforme Bakhtin (1997), os gêneros literários são os gêneros mais propícios para imprimir a individualidade, ou melhor, o estilo próprio. Mas quais os gêneros que nos tiram essa possibilidade? Recorrendo a Bakhtin (1997, p. 283), novamente, obtivemos o seguinte:

As condições menos favoráveis para refletir a individualidade na língua são as oferecidas pelos gêneros do discurso que requerem uma forma padronizada, tais como a formulação do documento oficial, da ordem militar, da nota de serviço, etc. Nesses gêneros só podem refletir-se os aspectos superficiais, quase biológicos, da individualidade (e principalmente na realização oral de enunciados pertencentes a esse tipo padronizado)

Mas mesmo nesses gêneros a individualidade não é apagada completamente. Ainda há traços de quem enuncia: “aspectos superficiais, quase biológicos, da individualidade”, conforme as próprias palavras de Bakhtin (1997).

Como podemos perceber, alguns gêneros permitem que o indivíduo imprima seu estilo pessoal neles no momento de sua utilização, como é o caso de uma piada. Cada pessoa pode contar determinada piada do jeito que quiser. Podendo começar pelo final ou pelo meio, acrescentar ou subtrair certos pontos. Enfim, imprimir seu estilo. Então, temos aqui o que chamamos de um gênero de estilo livre. Já outros são tão padronizados que não dão essa possibilidade, exceto pelos aspectos já mencionados por Bakhtin (1997). Como exemplo desse tipo de gênero, temos a missa. Um padre não deve, por exemplo, celebrar uma missa do jeito que achar mais interessante, ou seja, modificar o gênero missa sem que isso cause, no mínimo, estranhamento nos fiéis. A esse tipo de gênero do discurso chamamos de gênero institucionalizado, e, como tal, tem um estilo padronizado. Sendo assim, a liberdade estilística na abordagem de um tema está diretamente relacionada com o gênero do discurso a ser usado, e esse, por sua vez, está diretamente relacionado com sua esfera social de circulação.

Mediante tudo o que já dissemos, está claro que não somos completamente livres para dizer tudo o que queremos do jeito que quisermos em qualquer lugar. Temos que atender as convenções linguísticas de cada esfera social. A linguagem nos abre as portas para a interação, mas são os gêneros que nos possibilitam essa interação nas várias esferas sociais. Isso porque em cada setor da sociedade, como nos mostra Bakhtin (1997), há suas formas padronizadas de atuação linguística. Então, como podemos perceber, essa adequação linguística é circunstancial. Circunstancial porque a forma linguística que adotamos, ou melhor, o gênero que usamos no momento de interação está condicionado à circunstância comunicativa, ou seja, ao lugar de onde enunciamos, e esse lugar de onde enunciamos determina o nível de linguagem a ser adotado: formal, informal, culta. Dessa maneira, esse lugar determina a construção composicional do gênero e o estilo a ser adotado para sua expressão.

Tendo em vista as observações feitas até então, concluímos que a língua de um país é um bem de todos, mas o uso da linguagem é privado. Cada esfera da sociedade detém o direito de uso de determinado(s) gênero(s), e, para podermos fazer uso dele(s), temos que nos inserir nessa esfera; e muitas dessas esferas exigem formação acadêmica, como é o caso do gênero foco da nossa pesquisa: “aula expositiva” de língua inglesa.

Como já sabemos, não nascemos dominando os gêneros, nascemos como o potencial para adquiri-los; mas para que isso aconteça, temos que desenvolver certos saberes, saberes esses que também precisam ser desenvolvidas ao longo da vida para que possamos fazer uso dos gêneros. Sem eles, não há como nos apropriarmos dos gêneros e, consequentemente, não há como nos inserir no convívio com outras pessoas.

**4 O QUE FAZ COM QUE AULA SEJA UM GÊNERO?**

De acordo com Marcuschi (2008, p. 194), aula é um gênero textual, podendo ser classificada como “aula expositiva” e/ou “ aula participativa”. No entanto, essa é a única menção que ele faz a respeito desse gênero. Também não encontramos bibliografia que trate especificamente do gênero em questão. Sendo assim, coube a nós provarmos nossa hipótese de que aula é um gênero do discurso, corroborando, dessa foram, com a afirmação de Marcuschi (2005, 2008).

Segundo Marcuschi (2008, p. 150), “[...] cada gênero textual tem um propósito bastante claro que o determina e lhe dá uma esfera de circulação”. Podemos dizer que aula se encaixa nessa definição, pois é uma prática social com um propósito bastante claro: instruir; sendo sua(s) esfera(s) de circulação a educacional e/ou acadêmica, e seu domínio discursivo é o pedagógico.

A instrução ocorre através da exposição de conteúdos, por meio de uma pessoa denominada de professor(a), para um determinado auditório denominado de alunos, situados em um ambiente da esfera educacional e/ou acadêmica conhecido como sala de aula. Nesse ambiente ocorre o evento aula que tem como finalidade a exposição de conteúdos por parte do(a) professor(a), e a participação dos alunos para o aprendizado do que está sendo exposto. “O evento é marcado por um conjunto de ações e o gênero é ação linguística praticada recorrente em situações típicas marcadas pelo evento.” (MARCUSCHI, 2008, p. 163). Sendo assim, o gênero aula é o que possibilita o desenvolvimento do conjunto de ações que ocorrem durante o evento aula, sendo esse recorrente sempre que ocorrer situações típicas desse evento.

Segundo Marcuschi (2008), aula tanto se encaixa no domínio educacional como no domínio acadêmico. Por isso, compreendemos que o domínio discursivo do gênero aula é o pedagógico, podendo esse ser educacional ou acadêmico, a depender da esfera institucional onde o evento esteja acontecendo: em uma escola ou em uma universidade.

Outro aspecto interessante do domínio discursivo é que ele

Não abrange um gênero em particular, mas dá origem a vários deles, já que os gêneros são institucionalmente marcados. Constituem práticas discursivas nas quais podemos identificar um conjunto de gêneros textuais que às vezes lhe são próprios ou específicos como rotinas comunicativas institucionalizadas e instauradas de relações de poder (MARCUSCHI, 2008, p. 155).

Isso é bastante evidente em se tratando do domínio pedagógico, pois esse abrange uma gama de gêneros: reunião, planejamento, palestra, aula, etc.; utilizados por aqueles conforme seu papel nas relações institucionais desse domínio.

Como podemos perceber, o domínio pedagógico é a esfera institucional onde ocorre a prática docente, e, para que essa prática ocorra, o gênero aula é o modelo de ação comunicativa utilizado.

Diante do que já expusemos até agora, podemos dizer que aula tem sim características de um gênero: um propósito bastante claro, uma esfera de circulação e um domínio discursivo. Mas mediante qualquer dúvida que possa ainda existir, buscamos, mais uma vez, nas palavras de Marcuschi (2008, p. 164) a confirmação do que afirmamos.

Em geral, damos nomes aos gêneros usando um desses critérios: 1. forma estrutural (gráfico; rodapé; debate; poema); 2. propósito comunicativo (errata; endereço); 3. conteúdo (nota de compra; resumo de novela); 4. meio de transmissão (telefonema; telegrama; e-mail); 5. papéis dos interlocutores (exame oral; autorização); 6. contexto situacional (conversação esp.; carta pessoal). Mas vários desses critérios podem atuar em conjunto. [...]. Mas o certo é que quando se tem algum problema ou conflito na designação, ela surge em atenção ao propósito comunicativo ou função.

Então, tratando-se do gênero aula, podemos dizer que sua forma estrutural é aula mesmo; que seu propósito comunicativo é instruir; que seu conteúdo é geografia, matemática, língua inglesa, etc., a depender da área do conhecimento em questão; que seu meio de transmissão é a oralidade, a escrita, a gesticulação (em se tratando de libras), e a tecnologia; que os papeis dos interlocutores são expositor e participante; e, para finalizar, que seu contexto situacional é a exposição e participação. Cremos que nossa explanação encaixa aula em todos os critérios citados acima por Marcuschi (2008).

Quanto a sua classificação entre primário e secundário, entendemos que esse é um gênero secundário, pois, segundo Machado (2008, p. 155), “os gêneros secundários – tais como romances, gêneros jornalísticos, ensaios filosóficos – são formações complexas porque são elaborações da comunicação cultural organizada em sistema específico como a ciência, a arte, a política”. Aula se enquadra muito bem nessa definição, pois suas formações complexas fazem parte da comunicação cultural organizada em um sistema específico: a educação. Quanto a sua modalidade de uso, essa ocorre tanto por meio da oralidade como da escrita ou gesticulação; o que torna evidente sua dinamicidade, mostrando, portanto, que se trata realmente de um gênero secundário.

Outro aspecto acerca do gênero aula que não poderíamos deixar de mencionar é a intergenericidade. Marcuschi (2008, p. 164) nos diz que “[...] é comum burlar o cânon de um gênero fazendo uma mescla de formas e funções”, e essa é uma característica do gênero aula, seja qual for a área do conhecimento em questão.

**CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Em se tratando do processo de aquisição dos gêneros na educação formal, esse é planejado. Conhecer determinado gênero implica conhecer seus enunciados. Para isso, faz-se necessário estudar sua constituição: seu tema, sua composição, e seu estilo.

O meio pelo qual toda ação social ocorre é através de um ou mais gêneros. Na educação formal, o processo de ensino e aprendizagem ocorre através de um gênero em específico: o gênero aula, havendo a inserção de vários outros gêneros a esse ao longo do processo.

O gênero aula é o instrumento linguístico que torna possível a realização do evento aula. O evento (aula) é o acontecimento, e o gênero é o instrumento que torna possível o acontecimento ser vivenciado. O propósito do gênero aula é dar forma ao processo de ensino e aprendizagem, é mostrar como conduzir o evento.

Conhecer o gênero aula implica aprender suas características gerais pertinentes a todos os gêneros aula; e particulares, pertinentes a determinado gênero aula. Por isso nossa pesquisa abordou tais características gerais, mas nosso foco está no gênero aula expositiva, pertinente a nossa prática docente: o gênero aula de Língua Inglesa.

O gênero aula pode ser visto a partir de duas perspectivas: aula expositiva e aula participativa. Na perspectiva expositiva a atenção está voltada para o(a) professor(a), pois é ele(a) quem tem domínio do conteúdo e o expõe ao seu auditoria, ou seja, aos seus alunos. Já na perspectiva participativa, a atenção está voltada tanto para o(a) professor quanto para os alunos. Isso porque nessa perspectiva há participação de alunos, há interação entre professor e alunos, e há interação entre os próprios alunos.

Como os gêneros estão sempre evoluindo, ou seja, mudando, ou possibilitando o surgimento de novos gêneros, conhecer determinado gênero também implica acompanhar suas transformações ao longo do tempo, e, com certeza, o gênero aula (de língua inglesa) de hoje não é o mesmo de outrora. Além disso, temos que considerar a esfera social e institucional em que cada gênero aula (de língua inglesa) ocorre: Ensino Básico, Ensino Superior, Pós-graduação, Cursinho; pois em cada esfera social o gênero aula (de Língua Inglesa) tem suas particularidades.

Nosso direcionamento foi para o Ensino Superior, o Curso de Letras, mais especificamente do *Campus* Avançado Profa. “Maria Eliza de Albuquerque Maia”, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Nossa pesquisa buscou corroborar a afirmação de Marcuschi (2008) de que aula é um gênero, e também destacar as características do gênero aula expositiva de Língua Inglesa. Entendemos que nosso objetivo foi cumprido, pois mostramos que aula atende aos requisitos destacados por ele para ser classificado com tal.

**REFERÊNCIAS**

BAKHTIN, M. **Estética da Criação Verbal**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BRAIT, Beth. Estilo. In: BRAIT, Beth (Org.). **Bakhtin**: Conceitos-chaves. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definições e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Angela Paiva & MACHADO, Anna Rachel (Orgs.). **Gêneros textuais & ensino**. 4. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

MARCUSCHI, Antonio Luíz. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MACHADO, Irene. Gêneros discursivos. 4. ed. In: BRAIT, Beth (Org.). **Bakhtin**: conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2008.